

## RESENHA

CACCIATORE, Giuseppe. *L'etica dello storicismo*. Lecce: Milella Edizione, 2000.

*Humberto Aparecido de O. Guido\**

Giuseppe Cacciatore exerce o cargo de Diretor do Centro di Studi Vichiani desde 1994, além de coordenar as diversas atividades do centro napolitano, Cacciatore consegue dar prosseguimento a sua profícua atividade de pesquisador, não apenas de Vico, mas também de problemas relacionados com a história da filosofia e a ética. Este livro reúne alguns trabalhos dedicados ao debate do historicismo moderno e contemporâneo.

O livro é dividido em duas partes temáticas, a primeira apresenta a abordagem original do autor sobre os temas da ética e do historicismo, o que confere à primeira parte um perfil teórico e metodológico para a discussão da filosofia e das ciências humanas nos últimos três séculos, indo de Vico a Dilthey, para, em seguida, o autor manifestar a sua gratidão intelectual aos seus mestres Giuseppe Capograssi e Pietro Piovani, este último foi o fundador do Centro di Studi Vichiani de Nápoles.

A segunda parte do livro está inserida na perspectiva da ética aplicada à fundamentação da esfera da vida prática, nos capítulos desta unidade do livro são percorridos os temas atuais do debate acadêmico: bioética, direitos humanos, morte, entre outros. É notável nesta parte o rigor e a fundamentação filosófica empregada na elaboração dos capítulos, o que oferece um texto sério e crítico frente aos problemas centrais da sociedade contemporânea.

O estudo comparativo entre Vico e Dilthey é o ponto alto da primeira parte do livro, aparecendo esta análise diretamente em dois capítulos, o terceiro, *Scienza dell'uomo e condotta di vita. Alle origini dell'etica moderna: l'analisi di Dilthey*, e o quarto, *Individualità ed etica*:

---

\* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia - FAFCS/UFU.

*Vico e Dilthey.* O contexto das discussões sobre o legado de Vico e Dilthey é formado pelo historicismo, corrente metodológica consagrada pelos pensadores dos séculos XVIII e XIX. O contexto do historicismo é bem amplo e permite inúmeras leituras, cujos enfoques oscilam entre idealismo hegeliano e materialismo marxista, ou, entre a genealogia nietzschiana e a fenomenologia husserliana, contudo merece destaque o humanismo viquiano e o culturalismo diltheyano.

A ética é um tema moderno, que conseguiu encontrar um espaço mais amplo a partir da modernidade, algo que não ocorria antes, em virtude da localização estreita da ética na enciclopédia de Aristóteles, que a relegava no lugar de apêndice da política. Os modernos conseguiram encontrar a dimensão universal da ética, colocando-a como premissa da teoria do conhecimento, pois, conhecer é saber julgar. No século XVIII, as transformações sociais trouxeram a ética para os domínios históricos.

A ética adquiriu o estatuto de disciplina prática, perdendo o formalismo que lhe havia caracterizado durante a vigência das filosofias clássicas da antiguidade e da modernidade. Esta mudança foi possível graças ao historicismo crítico. Esta discussão é conduzida por Cacciatore no primeiro capítulo da primeira parte, abrindo a discussão sobre ética e história com vigor argumentativo e rigor teórico.

No segundo capítulo da primeira parte, é feita a reconstrução da gênese do método fenomenológico, que começou com a psicologia explicativa de Dilthey (p. 58), para chegar até o conceito de intersubjetividade, conceito chave na fenomenologia de Husserl.(p. 60). Ambos os pensadores, têm claro que o "o fenômeno social elementar é a comunicação" (p. 61), segue-se daí que a fundamentação da ética começa com a comunicação das experiências sensíveis e se determina com a intersubjetividade, ou seja, na relação de reciprocidade entre o eu e o outro, como "processo de comunicação das vontades" (Ibdem).

A característica principal da segunda parte do livro é o estilo ensaístico do autor, são textos breves que pretendem penetrar nas questões cotidianas, resgatando-lhes o valor gnosiológico e a relevância social. Esta unidade é aberta com o propósito claro de trazer à luz do dia as questões teóricas discutidas na primeira parte. A qualidade de vida é um tema filosófico e merece uma discussão filosófica.

Ética e vida, título do segundo capítulo, oferece ao leitor pequenas considerações sobre os problemas tipicamente éticos do ocidente: o início e o fim da vida, o aborto, a eutanásia, entre outros. São pequenas considerações, porque o intuito do autor é provocar a discussão, sem ter a pretensão de dar uma palavra dogmática que pretenda encerrar ou dirigir idológicamente a discussão de temas tão polêmicos.

Estes dois primeiros capítulos são preparatórios para a abordagem do substancial da segunda parte do livro: a genética e a bioética, são elas áreas de estudo que estão diretamente ligadas aos problemas contemporâneos e interferem, senão diretamente, ao menos são objetos de mistificações grosseiras que as tornam disciplinas diabólicas. As considerações feitas por Cacciatore procuram estabelecer conexões entre estas disciplinas, e outras derivadas — tais como, a engenharia genética e as técnicas de reprodução artificial da vida —, com o problema nuclear da filosofia que é a natureza humana. todo desenvolvimento científico nestas áreas de ponta do conhecimento humano exigem o “uso crítico da razão, a capacidade de ação moral do indivíduo” (p. 221).

Esta segunda parte do livro é concluída com a questão dos direitos humanos em tempos de globalização. O marco inaugural da discussão dos direitos humanos dos tempos globalizados não poderia ser outro senão o ano de 1989, que sinalizou para o término do totalitarismo de esquerda na Europa. A partir de então, a discussão dos direitos humanos tem que ter necessariamente a liberdade como premissa, inclusive a liberdade individual, e afirma o autor: “nenhum discurso sobre a Europa pode prescindir daquilo que é definido como pré-condição da cidadania democrática, a qual, por sua vez, se apóia sobre a redefinição da democracia que coloca no centro os ‘direitos do homem’ e, em particular, os direitos do *outro* homem” (p. 235, grifo do autor).

Este livro tem o mérito de conduzir a discussão dos conceitos centrais da modernidade, a história e a ética, tomando-os não em seu formalismo lingüístico, pelo contrário, resgatando-os a partir da linguagem, como força comunicativa, para alcançar a compreensão dos problemas da esfera da vida pública. A leitura do livro é recomendada como subsídio para as disciplinas de Filosofia da História

e Ética, além de servir de suporte para trabalhos que intentarem percorrer a formulação do método fenomenológico.